

NATURALISTAS



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Vahan Agopyan
Vice-reitor Antonio Carlos Hernandez



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente Carlos Roberto Ferreira Brandão

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente Rubens Ricupero

Vice-presidente Valeria De Marco

Carlos Alberto Ferreira Martins

Clodoaldo Grotta Ragazzo

Maria Angela Faggin Pereira Leite

Ricardo Pinto da Rocha

Tânia Tomé Martins de Castro

Suplentes Marta Maria Gerales Teixeira

Primavera Borelli Garcia

Sandra Reimão

Editora-assistente Carla Fernanda Fontana

Chefe Div. Editorial Cristiane Silvestrin



MULTICLÁSSICOS

NATURALISTAS

TOMO I



O ATENEU ~ O HOMEM

A CARNE ~ O CORTIÇO

BOM-CRIOULO ~ O MISSIONÁRIO

Ivan Teixeira
Thiago Mio Salla
(orgs.)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Naturalistas: Tomo I / Ivan Teixeira, Thiago Mío Salla (orgs.). – São Paulo:
Editora da Universidade de São Paulo, 2022. – (Multiclássicos; 2)

Conteúdo: O Ateneu / Raul Pompeia – O Homem / Aluísio Azevedo –
A Carne / Júlio Ribeiro – O Cortiço / Aluísio Azevedo – Bom-Crioulo /
Adolfo Caminha – O Missionário / Inglês de Sousa.

ISBN 978-65-5785-050-3 (Tomo I)

ISBN 978-65-5785-049-7 (conjunto dos dois tomos)

1. Literatura brasileira – Coletâneas 2. Literatura brasileira – Crítica e
interpretação 3. Naturalismo (Literatura) I. Azevedo, Aluísio, 1857-1913.
II. Caminha, Adolfo, 1867-1897. III. Pompeia, Raul, 1863-1895.
IV. Ribeiro, Júlio, 1845-1890. V. Sousa, Inglês de, 1853-1918. VI. Teixeira,
Ivan. VII. Salla, Thiago Mío. VIII. Série.

21-86987

CDD-B869.909

Índices para catálogo sistemático:

1. Naturalismo: Literatura brasileira: História e crítica B869.909

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária
05508-050 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2022

Foi feito o depósito legal

SUMÁRIO



Apresentação – Thiago Mio Salla, 11

Introdução – Paulo Franchetti, 35

TOMO I

☞ O ATENEU ☞

Raul Pompeia

O Luar Verde de Raul Pompeia – Ivan Teixeira, 65

Texto, 123

☞ O HOMEM ☞

Aluísio Azevedo

A Construção da Histeria Feminina em Aluísio Azevedo – Sergio Paulo Rouanet, 367

Texto, 391

☞ A CARNE ☞

Júlio Ribeiro

O Laboratório e a Roça – Luís Bueno, 589

Texto, 619

TOMO II

☞ O CORTIÇO ☞

Aluísio Azevedo

A Estalagem e a República – Orna Messer Levin, 835

Texto, 885

☞ BOM-CRIOULO ☞

Adolfo Caminha

Além das Expectativas, Aquém das Convenções: Naturalismo
e Homossexualidade em *Bom-Crioulo* – Tâmis Parron, 1169

Texto, 1207

☞ O MISSIONÁRIO ☞

Inglês de Sousa

Missão Naturalista e Lição Erótica
de um Romance Anticlerical – Marcelo Bulhões, 1347

Texto, 1385

Colaboradores, 1723

APRESENTAÇÃO



APRESENTAÇÃO
NATURALISTAS EM PERSPECTIVA: CRITÉRIOS E DIRETRIZES



Thiago Mio Salla

Iniciada em 2008 com a publicação do volume *Épicos*, a coleção Multiclássicos se propõe a resgatar, preservar e apresentar, em edições sistemáticas e rigorosas, obras e autores de relevo da literatura brasileira. Parte, assim, do pressuposto de que caberia a uma editora universitária não apenas levar ao prelo obras científicas ou didáticas produzidas pela comunidade acadêmica, mas também, em perspectiva mais ampla, zelar pelo acervo de obras clássicas do idioma. Mais especificamente, aqui, o termo “clássico”, acompanhado do antepositivo “multi”, diz respeito a um conjunto de livros que, lidos por sucessivas gerações, apresentam um lugar próprio no *continuum* da cultura nacional, muito em função de, conforme diria Italo Calvino em formulação mais abrangente, nunca terminarem de dizer aquilo que tinham a dizer e sempre oferecerem novidades àqueles que se aventuram em leituras e/ou releituras de suas páginas.

Levando em consideração tal diretriz, a coleção oferta ao leitor o texto de cada romance rigorosamente estabelecido e devidamente apresentado por ensaios pautados, por um lado, pela renovação hermenêutica e, por outro lado, pela valorização da dimensão histórica e pela restauração dos códigos de inteligibilidade de cada obra. Desse modo, as novas interpretações propostas pressupõem situar os livros não apenas no momento de sua primeira edição e circulação, mas também ao longo da história de

sua leitura. Considerando-se ainda o papel do suporte na produção do sentido, à tamanha pesquisa intelectual soma-se, com igual importância, a pesquisa editorial. Não por acaso, além de mobilizar professores e pesquisadores de reconhecido mérito, a Multiclássicos conta com profissionais de editoração de comprovada competência, pois, por princípio, editar bem, mais do que tão somente veicular informações, implica também a pesquisa no que diz respeito à organização da informação impressa e à produção de um saber específico.

Mais especificamente, o segundo volume da coleção Multiclássicos ora apresentado ao leitor procura dar continuidade a essa ousada proposta de convergência entre trabalho crítico, literário e editorial concebida e iniciada por Ivan Teixeira, prematuramente falecido em 2012. Antes de nos deixar, o saudoso professor havia selecionado os livros que comporiam o presente volume, bem como definira os respectivos docentes e pesquisadores responsáveis pela apresentação geral do livro e de cada romance aqui recolhido. Entretanto, havia ainda muito a ser realizado de modo a não só contemplar o projeto inicial da coleção, bem como aprimorá-lo: faltava estabelecer, anotar e incluir informações bibliográficas e editoriais relativas aos seis romances naturalistas que o leitor tem, hoje, a oportunidade de ler em conjunto. São eles: *O Ateneu*, de Raul Pompeia; *O Homem* e *O Cortiço*, ambos de Aluísio Azevedo; *A Carne*, de Júlio Ribeiro; *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha; e *O Missionário*, de Inglês de Sousa.

Com exceção de *O Ateneu*, que abre o volume e ocupa uma posição particular no conjunto, tendo em vista seu diálogo oblíquo com a estética e as diretrizes do Naturalismo (ver o ensaio de apresentação a essa obra, escrito por Ivan Teixeira), a sequência de disposição dos livros aqui estabelecida obedece a critérios cronológicos de publicação das primeiras edições de cada romance, tidos como momentos-chave do referido movimento no Brasil. Embora, como se verá, nem sempre tais edições *princeps* tenham sido tomadas como lições-base para o estabelecimento textual, isso não significa que elas não tenham feito parte, como alvos preferenciais, do trabalho de colação e fixação de estemas.

TEXTOS-BASE

Como declarado em seu volume de estreia, a Multiclássicos não se volta à produção de edições críticas no sentido filológico do termo, mas, sim, à realização de edições modernizadas pautadas por extremo rigor editorial, que propiciem ao leitor conforto e segurança no acesso às grandes obras da cultura e literatura brasileiras. Como pressuposto geral, elegem-se como textos-base as últimas edições publicadas em vida e revistas pelos respectivos escritores ou, num caso específico como se verá adiante, aquelas nas quais eles tiveram a oportunidade de introduzir correções antes de venderem os direitos relativos à própria obra. Admite-se aqui que tais lições seriam as únicas dotadas de genuinidade, uma vez que, em teoria, trariam consignadas as últimas vontades de cada autor. Passemos, agora, a ver o caso de cada romance recolhido na presente edição.

O Ateneu

O Ateneu, de Raul Pompeia (1863, Angra dos Reis, RJ – 1895, Rio de Janeiro, RJ), de início, ganhou publicação parcelada nas páginas da prestigiosa *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, entre 8 de abril e 18 de maio de 1888¹. No mesmo ano, saiu impressa, em trabalho realizado pela tipografia do referido jornal, a edição em livro do romance, cujas páginas já traziam diversas modificações introduzidas pelo autor. Em 1894, depois de efetuar um meticuloso preparo da segunda edição, Pompeia vendeu à Livraria Francisco Alves o original retrabalhado, isto é, as folhas de prova da edição *princeps* coladas e entremeadas com correções², bem

1. Diferentemente daquilo que se revelava usual na publicação de romances-folhetim, as sucessivas partes da narrativa foram sendo publicadas em colunas verticais na primeira página, e não no rodapé.
2. Tal códice, depositado no arquivo da Academia Brasileira de Letras (notação RP pi 007), compreende 123 folhas numeradas de 1 a 126. Esse descompasso decorre do fato de que faltam as páginas 54 e 56, e a página 26 aparece duas vezes (26 e 26A). Ao se examinar o documento como um todo, observa-se que as emendas se mostram contínuas até a página 62, a partir da qual passam a rarear.

como 43 desenhos *au crayon* (produzidos para ilustrar o livro). O autor suicida-se em 1895. Apenas em 1905, em tiragem impressa em Paris na Typographie Aillaud & Cie., a mencionada casa editorial carioca lança a “edição definitiva (conforme os originais e desenhos deixados pelo autor)”.

Apesar de tamanha chancela estampada no frontispício, a referida edição não segue fielmente o original deixado por Pompeia. Mais propriamente, chegaram a tal diagnóstico estudiosos que confrontaram essa edição dita “definitiva” com o códice deixado pelo autor, documento hoje pertencente ao Arquivo da Academia Brasileira de Letras, depois de ter sido doado a essa instituição pela Francisco Alves. Segundo Afrânio Coutinho, responsável por uma edição crítica do romance saída inicialmente em 1971 e, em seguida, em 1981, quando esse intelectual esteve à frente da publicação das obras completas de Raul Pompeia, e ainda Therezinha Bartholo e Francisco Maciel Silveira, preparadores de edições fidedignas de *O Ateneu* vindas a público ambas em 1976, muitos são os desvios e modificações textuais a rebaixarem a confiança no trabalho da Francisco Alves lançado em 1905. Mais taxativo, Coutinho destaca que os “deslizes” encontrados não seriam resultado de uma revisão deficiente, mas sim de uma atitude deliberada de quem revisou o texto de “consertar os ‘erros’ de redação do escritor brasileiro”³. O crítico chega a especular que as alterações seriam obra de um português que, em vez de simplesmente bater as emendas, teria ajustado o texto à variante europeia de nossa língua. Ao todo, contabilizou 355 “alterações espúrias”⁴.

De fato, a colação entre o códice e a edição supostamente definitiva de 1905 revela modificações inexplicáveis, em flagrante desvio em relação à vontade autoral, tais como a não correção do nome de um personagem ou mesmo a omissão ou substituição de palavras e/ou frases inteiras⁵. Partindo

3. Afrânio Coutinho, “Introdução: O Texto de *O Ateneu*”, em Raul Pompeia, *Obras*, 9 vols., org. de Afrânio Coutinho, Rio de Janeiro, MEC-FENAME Oficina Literária Afrânio Coutinho/Civilização Brasileira, 1981, vol. II – *O Ateneu*, p. 14.

4. *Idem*, p. 15.

5. Um quadro comparativo não exaustivo dessas modificações pode ser encontrado em Therezinha Bartholo, “Introdução”, em Raul Pompeia, *O Ateneu*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976, pp. 10-14.

desse fato, a presente edição de *O Ateneu* toma como base o códice recolhido na Academia Brasileira de Letras, da mesma maneira que se vale, como suporte, nesta ordem, das edições de Afrânio Coutinho e Therezinha Bartholo. Além disso, tendo-se em vista que faltam ao códice as páginas 54 e 56, nos trechos a elas correspondentes⁶ tomou-se como base a primeira edição da obra publicada em 1888, empregada também nos casos de dificuldade de compreensão da letra miúda e, às vezes, ilegível do autor. Por fim, cumpre ressaltar que se utilizou a problemática segunda edição fundamentalmente como referência para a inserção das 43 imagens *au crayon*, depois refeitas à sépia pela Francisco Alves, de autoria do próprio Raul Pompeia, que hoje fazem parte do acervo iconográfico da Biblioteca Nacional⁷.

O Homem e O Cortiço

No que diz respeito à definição das edições de base de *O Homem e O Cortiço*, ambas de Aluísio Azevedo (1857, São Luís, MA – 1913, Buenos Aires, Argentina), faz-se necessária, antes, uma rápida incursão pela porção final da biografia do autor, momento em que ele ingressa na carreira diplomática e se desinteressa da literatura. Em 30 de dezembro de 1895, o afamado romancista era nomeado vice-cônsul do Brasil em Vigo, mas deixaria o país apenas no início do ano seguinte. Em carta a Eduardo Ribeiro, velho companheiro dos tempos de São Luís do Maranhão e então governador do Amazonas, o autor de *O Cortiço* destacava que fizera questão

6. Tais folhas extraviadas correspondem, respectivamente, ao trecho inicial do capítulo 6 (ao todo onze parágrafos e meio, de “O futuro tinha reservado a Nearco [...]” a “pernas para cima em [...]”) e o intervalo entre o finalzinho do 16º parágrafo (“[...] dois púlpitos em vez de sapatos [...]”) e as linhas iniciais do 24º parágrafo (“[...] sabedoria de Simão de Nântua; [...]”) dessa mesma parte.
7. Na pasta depositada na Biblioteca Nacional, cada imagem se encontra numerada pelo autor e vem acompanhada da indicação sumária do capítulo no qual deve figurar. Essa documentação apresenta a localização “Iconografia - Arm.6.3.3(1-43)” e se encontra digitalizada, passível de ser acessada no endereço: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon530901.pdf>. Acesso em 10 jan. 2019.

de ser designado para um país europeu, ainda que para um vice-consulado, pois se revelava sua intenção “desenvolver meus magros cabedais literários e fazer em boas condições a reimpressão de todos os meus livros”⁸. Assim, o romancista parte para a Espanha em 11 de fevereiro de 1896. Antes disso, todavia, procurou deixar em ordem a obra literária e entrar em entendimento com H. Garnier. A venda de suas propriedades literárias a esse editor consolida-se apenas em 11 de setembro de 1897, por intermédio do escritor Graça Aranha, eleito por Aluísio Azevedo seu procurador em tal negociação. Por fim, acertou-se que o romancista vendera, por dez contos de réis, a inteira e perpétua propriedade de onze de seus romances, entre os quais se encontravam, obviamente, *O Homem* e *O Cortiço*⁹.

Antes da realização dessa venda no atacado, as vendas de cada título a Garnier no varejo pressupunham o trabalho do autor como revisor. Pelo menos é o que se pode deduzir de contrato referente ao romance *A Mortalha de Alzira*, cujo artigo 5º estipulava: “O sr. dr. Aluísio Azevedo obriga-se a rever as provas desta edição sem ter por isso direito a remuneração alguma”¹⁰. Considerando-se a realização de edições de três de seus principais romances pela Garnier (*O Homem*, *O Cortiço* e *O Coruja*) no ano 1896, pode-se admitir por hipótese que, antes de fazer as malas e deixar o país e, em seguida, vender a integralidade dos direitos à editora, procedera à revisão dos títulos em questão.

Contudo, a viagem para o exterior e a subsequente venda de toda sua obra romanesca à Garnier fazem com que Aluísio Azevedo, alheio às letras e vivendo no estrangeiro, praticamente abandone a pena, por mais que tenha escrito ainda um livro sobre o Japão (publicado apenas setenta anos depois de sua morte) e anunciado o desejo de produzir um romance sobre o *hinterland* brasileiro (espécie de transposição de *Os Sertões* para a ficção). Quanto à supervisão de sua obra pregressa, na documentação pesquisada por Raimundo Menezes, que inclui um acervo missivístico com

8. Aluísio Azevedo, Carta a Eduardo Ribeiro datada de 1º jan. 1896, *apud* Raimundo Menezes, *Aluísio Azevedo: Uma Vida de Romance*, São Paulo, Livraria Martins Editora, 1958, p. 258.

9. *Idem*, pp. 277-279.

10. *Idem*, p. 241.

cartas trocadas pelo romancista com diferentes interlocutores enquanto este residia no exterior, não se observam menções a eventuais retoques nas edições de seus romances, os quais continuaram a ser editados e postos em circulação pela Garnier. Aliás, segundo o contrato de venda da integralidade dos direitos sobre seus livros firmado entre autor e editora, esta se assenhorava da publicação e venda da obra daquele, “não podendo, porém, sem consentimento do outorgante [escritor], alterar o texto ou o título dos mesmos [livros] sob pena de perder a edição na que houver estas alterações, e pagar ao outorgante uma multa de dois contos de réis”¹¹. De fato, as edições dos livros de Aluísio Azevedo posteriores a 1897 parecem reproduzir uma mesma matriz tipográfica, apresentando mínimas alterações em relação às tiragens feitas pela própria Garnier antes da mencionada aquisição¹².

Tendo tais elementos em vista, no caso das obras de Aluísio Azevedo recolhidas neste volume, consideraram-se como bases as edições de *O Homem* e de *O Cortiço* publicadas por volta de 1896. Supõe-se que nestas está mais bem consignada a última vontade autoral. Um complicador, no entanto, para definir com precisão os exemplares que mais se aproximariam da referida baliza temporal, encontra-se no fato de que as edições da Garnier, com exceção da primeira de *O Cortiço*, não apresentam data. Sobre este livro, porém, o coordenador da edição das obras completas de Aluísio Azevedo, quando estas passam da Garnier para Briguiet a partir

11. *Idem*, p. 278.

12. Como exceção, tem-se o livro *A Mortalha de Alzira*, cuja primeira edição feita efetivamente pela H. Garnier (por mais que esta tivesse adquirido tal romance em 1892, a edição *princeps* coube, por meio de acordo, à casa Fauchon & Cia) deu-se apenas depois que Aluísio já havia vendido os direitos de suas demais obras ao editor francês e ingressado no corpo consular brasileiro. Mostra disso, no volume em questão, faz-se presente uma dedicatória a Henrique C. R. Lisboa, escrita na Argentina, em 1902, na qual Aluísio relembra as palavras abonadoras daquele quando ambos participaram de um banquete em Tóquio. Além disso, ainda quanto à obra romanesca, sofreram intervenções por parte do autor, após 1897, os livros *Girândola de Amores* (1900) e *A Condessa Vesper* (1902), os quais, então, ganhavam também suas primeiras edições pela Garnier e passavam a ter seus títulos definitivos (chamavam-se antes, respectivamente, *Mistério da Tijuca* e *Memórias de um Condenado*). O segundo destes conta com uma dedicatória a Hippolyte Garnier, “em pequeno sinal de grande estima e muito apreço”.

de 1934, esclarece: “Sua primeira edição é de 1890. Nesse mesmo ano aparece a segunda. A seguir, em 1896, é divulgada a terceira e, num crescendo de aceitação, o grande romance de Aluísio tem uma quarta edição em 1905; a 5ª é de 1910, vindo finalmente a 6ª, em 1925”¹³. Levando-se em conta essa classificação, sem desconsiderar, obviamente, a importância da edição *princeps*, elegeu-se a terceira edição como texto-base. O único exemplar disponível desta do qual se tem notícia faz parte do acervo da Biblioteca Nacional da França¹⁴.

Com relação a *O Homem*, em 7 de setembro de 1888, a *Gazeta de Notícias* dava conta da publicação da quarta edição do livro, a primeira então realizada pela Garnier depois do sucesso estrondoso alcançado pela obra, impressa, no ano anterior, pela tipografia Adolpho de Castro Silva & C¹⁵. Em 2 de maio de 1896, o mesmo periódico anuncia uma nova edição desse “festejado romance” do autor maranhense. Levando-se em conta tais informações, o presente volume tomou como base a quinta edição do romance, sem deixar de examinar, por sua vez, a quarta.

A Carne

Para *A Carne*, de Júlio Ribeiro (1845, Sabará, MG – 1890, Santos, SP), tomou-se como base a primeira edição do romance, lançada em 1888 pela paulista Teixeira & Irmão – Editores, a única publicada em vida pelo autor, que vem a falecer apenas dois anos depois de ver essa obra polêmica posta em circulação.

13. M. Nogueira da Silva, “Prefácio”, em Aluísio Azevedo, *O Cortiço*, 7. ed., Rio de Janeiro, Briguier, 1937.

14. Nessa instituição também se encontra a quarta edição do romance.

15. Três edições do romance de 1900 exemplares cada, publicadas por essa casa impressora, foram vendidas entre outubro e dezembro de 1887. Em função de tamanho sucesso, Aluísio Azevedo assina seus primeiros contratos com a Garnier para a reedição do próprio *O Homem*, além de *O Mulato*, *Casa de Pensão* e *O Coruja* [Jean-Yves Mérian, *Aluísio Azevedo: Vida e Obra (1857-1913)*, trad. Claudia Poncioni, 2. ed. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional/Garamond, 2013, p. 398].

Enquanto diretriz geral, para fazer valer a vontade do autor, além de apresentar o texto do romance, esta edição também contempla pré e pós-textuais previstas pelos romancistas. No caso específico de *A Carne*, em conformidade com as determinações de Júlio Ribeiro, incluem-se dois apêndices por ele elaborados para figurar no livro: um glossário e um texto intitulado “Nota sobre Ortografia”, os quais passaram a ser excluídos a partir da terceira edição do romance, datada de 1902. Por meio de ambos os escritos, o autor fornece aporte linguístico para a compreensão de seu texto romanesco e revela suas idiossincrasias ortográficas num momento em que, antes de qualquer tentativa efetiva de sistematização e normalização da grafia correta das palavras, vigorava a dita ortografia usual¹⁶. Todavia, o valor de tais textos vai além: eles também cumprem o papel de ratificar a posição do artista como um gramático rigoroso, cioso da composição de seu texto, que tomava par do cientificismo tentacular da época.

Mais especificamente quanto ao Glossário, por se tratar de uma produção autoral em conexão com o corpo do romance, optou-se por mantê-lo como fora concebido por Júlio Ribeiro, realizando-se tão somente sua atualização ortográfica em conformidade com as diretrizes gerais que governam a presente edição. Apenas, pontualmente, de modo a facilitar a continuidade e agilidade da leitura, houve sobreposição entre as definições expressas pelo romancista em tal apêndice e as notas de rodapé que constam neste volume. Quanto à “Nota sobre Ortografia”, o texto em questão, além da finalidade expressa anteriormente, apresenta um caráter histórico e documental e, por isso, não foi utilizado para nortear a ortografia do corpo do romance que o leitor tem em mãos, a qual, conforme se disse, passou por um processo de modernização segundo as normas hoje em vigor. Ao mesmo tempo, para que tal arrazoado fizesse sentido, mantiveram-se, apenas no âmbito desse paratexto, as propostas ortográficas indicadas pelo autor.

16. Em “Nota sobre Ortografia”, Júlio Ribeiro faz constantes referências à sua *Gramática Portuguesa* (2. ed., 1885), bem como se vale de diferentes autoridades para afirmar seu ponto de vista a respeito da grafia, em chave etimológica e cosmopolita, das palavras do idioma.

Bom-Crioulo

No que concerne a *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha (1867, Aracati, CE – 1897, Rio de Janeiro, RJ), tomou-se como base a edição *princeps*, publicada em 1895 pela Livraria Moderna, de Domingos Magalhães, editor que se notabilizara ao longo da década de 1890 no campo da literatura¹⁷. Trata-se da única edição feita em vida pelo autor cearense, que vem a falecer menos de dois anos depois de esse livro vir a público.

Ainda quanto ao estabelecimento textual dessa obra, considerou-se, de forma subsidiária, o trabalho do professor Adriano da Gama Kury, que, em 1956, preparou meticulosamente uma edição anotada de *Bom-Crioulo* (a terceira) para a Organização Simões Editora. Tal iniciativa, depois das mutilações introduzidas no texto pela segunda edição do romance, feita pela paulista J. Fagundes, procurou restituir-lhe a fidedignidade, pautando-se pela *princeps*.

O Missionário

Por fim, quanto a *O Missionário*, de Inglês de Sousa (1853, Óbidos, PA – 1918, Rio de Janeiro, RJ), elegeu-se a segunda edição da obra, isto é, a última publicada em vida pelo autor, como texto-base. Lançada pela Laemmert em 1899, ela traz a seguinte indicação no frontispício: “revista pelo autor e aumentada com um prólogo do dr. Araripe Júnior”. Considerando-se essa última informação, diferentemente do que se observou com *A Carne*, em que os paratextos de autoria do romancista

17. Além de *Bom-Crioulo*, a Livraria Moderna já havia publicado outros dois livros de Adolfo Caminha: *A Normalista* (1893) e *No País dos Yankees* (1894). Essa casa lançou ainda títulos de Arthur de Azevedo, Coelho Neto, Cruz e Sousa, Emílio de Menezes, entre outros (Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil: Sua História*, 2. ed. rev. e ampl., São Paulo, Edusp, 2005, p. 238). Em geral, tinha predileção por investir em autores novos, cuja obra pudesse causar escândalo e assim colocar em evidência a editora (Ivan Teixeira, “Cem Anos de Simbolismo: *Broquéis* e Alguns Fatores de sua Modernidade”, em Cruz e Sousa, *Missal e Broquéis*, São Paulo, Martins Fontes, 1998, p. ix).

foram incluídos neste volume, optou-se por deixar de fora o prefácio do afamado crítico cearense. Tal fato se justifica por se tratar de escrito não assinado, no caso em questão, por Inglês de Sousa.

Ainda quanto ao estabelecimento do texto, sobretudo no que diz respeito a casos duvidosos, não se deixou de considerar a edição *princeps* de *O Missionário*, datada de 1891 (Santos, Typ. a Vapor do *Diário de Santos*), na qual o autor ainda se encontrava envolto pelo pseudônimo de Luiz Dolzani. Ao mesmo tempo, como não poderia deixar de ser, levou-se em conta o esmerado esforço editorial realizado por Aurélio Buarque de Holanda, que, para a Livraria José Olympio Editora, preparou a terceira edição do romance, vinda a público em 1946, com capa de Santa Rosa. Esse trabalho procurou sanar os erros consignados na errata da primeira edição que não foram corrigidos na segunda, bem como gralhas e deslizes gramaticais que contrariavam não apenas as regras gerais, mas, sobretudo, as normas seguidas pelo próprio romancista. Ao fim do volume, Aurélio acrescenta um operacional quadro comparativo das emendas realizadas ao longo das três edições da obra até então existentes.

DECISÕES EDITORIAIS

Como pressuposto elementar com vistas à fidedignidade, a presente edição procurou respeitar essencialmente a realidade linguística concebida pelos autores, conservando até mesmo formas duvidosas, desde que passíveis de interpretação julgada satisfatória. De todo modo, não se furtou a corrigir gralhas e os chamados erros óbvios e incontroversos. Com relação a eles, pode-se tomar como exemplo a passagem de *O Ateneu* em que no códice, lição tomada como base para o estabelecimento textual, no capítulo VII, o autor troca o nome de um aluno (Maurílio) pelo de um professor (Mânlio). A correção foi efetuada.

Outros pontos que merecem esclarecimentos podem ser estruturados em três eixos: “Pontuação”, “Ortografia” e “Morfossintaxe”.

Pontuação

Procurou-se, em linhas gerais, manter a pontuação utilizada pelos diferentes autores presentes nesta obra. Todavia, realizaram-se intervenções pontuais, sobretudo quanto ao uso de vírgulas, sempre com o objetivo de esclarecer passagens consideradas confusas ou de difícil compreensão. Nesse quesito em específico, por mais que se tenha pesado o caráter estilístico da virgulação¹⁸, houve preferência pelo emprego dos critérios sintáticos que regem atualmente o emprego de tal sinal, de modo a favorecer a inteligibilidade para o público contemporâneo. Pautando-se por essa diretriz, separações entre sujeito e predicado, por exemplo, como as que se observam a seguir, foram eliminadas:

E, enquanto, no resto da fileira, a Machona, a Augusta, a Leocádia, a Bruxa, a *Marciana e sua filha*, conversavam de tina a tina, berrando e quase sem se ouvirem, a voz um tanto cansada já pelo serviço, defronte delas, separado pelos jiraus, formava-se um novo renque de lavadeiras [...] (*O Cortiço*, capítulo III, p. 925).

Ora, meu filho, paciência. *Deus há* de ajudar... (*Bom-Crioulo*, capítulo VII, p. 1286).

Paralelamente, quando se detectou a omissão de vírgulas de uso obrigatório, quer correlatas a outras (anteriores ou posteriores), quer não, empregou-se esse sinal. Há muitas ocorrências desse gênero, por exemplo, em *O Missionário*:

O tom do reitor era tão paternal e bondoso, inspirava tanta confiança e punha a gente tão à vontade, que Macário, sem vergonha do seminarista nem do *curumim*[.] *desatou* a chorar (capítulo I, p. 1397).

18. Conforme sublinha Houaiss, na condição de membro da Comissão Machado de Assis, a respeito da edição crítica da obra do autor das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, “se a pontuação é *interpretatio*, nenhuma *interpretatio* pode ser melhor do que a do próprio autor” (Antônio Houaiss, *Elementos de Bibliologia*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1967, vol. I, p. 293).

Fingira muita resignação diante da alegria manifestada por João Pimenta, que arreganhara os dentes numa risada estúpida, soluçada e nervosa, e por *Felisberto*[.] *que a contivera numa frase do seu latim do sertão; [...]* (capítulo XI, p. 1653).

Ao mesmo tempo, de modo a evitar dupla pontuação, quando pertinente, eliminaram-se as vírgulas que antecedem e sucedem travessões, parênteses e reticências. Tais fatos linguísticos podem ser observados, sobretudo, em *Bom-Crioulo*:

Ao pensar nisso Bom-Crioulo transfigurava-se de um modo incrível, sentindo ferrear-lhe a carne, como a ponta de um agulhão, como espinhos de urtiga brava, esse desejo *veemente*, – *uma* sede tantálica de gozo proibido, que parecia queimar-lhe por dentro as vísceras e os nervos... (capítulo III, p. 1236).

Foi nessa época, num dia de *carnaval*, (*lembrava-se bem!*), que começou a melhorar de sorte (capítulo IV, p. 1258).

Ao mesmo tempo, em diálogos, para assinalar orações intercaladas pelos narradores em meio à fala de personagens, padronizou-se o uso do travessão em lugar da vírgula e/ou do ponto e vírgula. Desse modo, tem-se, por exemplo, “– Deixa estar – *conversava ele na cama com a Bertoleza* –; deixa estar que ainda lhe hei de entrar pelos fundos da casa [...]” em vez de “– Deixa estar, conversava ele na cama com a Bertoleza; deixa estar que ainda lhe hei de entrar pelos fundos da casa [...]” (*O Cortiço*, capítulo I, p. 900). Ao mesmo tempo, mantiveram-se as aspas quando os autores, no caso de falas, em geral, não seguidas de réplicas, optaram por reportar o discurso direto mediante o emprego desse sinal, como se observa em *O Ateneu*, em que Raul Pompeia lança mão tanto de um quanto do outro recurso.

A paragrafação, assim como toda a seccionação dos romances, respeita as divisões que constam de cada texto-base eleito para a presente edição. Desse modo, por exemplo, conservaram-se os numerosos espaços duplos entre parágrafos que constam do códice de *O Ateneu*. No caso deste romance em específico, tal como já mencionado, procurou-se ainda

reproduzir a ordem e o local em que as ilustrações produzidas pelo autor apareceram na segunda edição da obra, publicada pela Francisco Alves.

No que concerne ao emprego de caixa-baixa ou caixa-alta e baixa, a presente edição orientou-se pelos critérios utilizados pela Edusp, segundo os quais, por exemplo, cargos, títulos e acidentes geográficos aparecem com a inicial do termo ou sintagma em minúscula. Assim, temos, o “sr. conselheiro Pinto Marques” (*O Homem*, capítulo II, p. 408), “avenida São Romão” (*O Cortiço*, capítulo XXII, p. 1156) e “padre Antônio” (*O Missionário*, capítulo I, p. 1395). Ainda quanto a esse quesito, optou-se por utilizar letra maiúscula após pontos de exclamação e interrogação, uma vez que, em conformidade com as regras vigentes, tais sinais indicam simultaneamente melodia e pausa¹⁹. Por mais que essa opção esteja em desacordo com os usos de outrora consignados sobretudo em diálogos dos seis romances aqui recolhidos, quando exclamações e interrogações marcariam majoritariamente apenas o ritmo fraseológico (Tome-se, a título de exemplificação, o trecho de *O Homem*, capítulo XVI, p. 539: “– Fernando! irmão meu! amado de minha alma, não me fuja!”), julgou-se que a utilização de caixa-alta e baixa nesses casos causaria menos ruído aos leitores contemporâneos.

Quanto ao emprego do itálico, para além das marcações tradicionais de títulos de periódicos, de nomes de obras em geral e de termos e expressões oriundos de outros idiomas, optou-se por manter grifos de caráter estilístico e expressivo empregados pelos diferentes autores, tais como os que avultam, por exemplo, em *O Ateneu* e *O Missionário*.

Ortografia

Publicados nas duas últimas décadas do século XIX, os romances ora apresentados remontam a um período de vigência da chamada “ortografia

19. Com exceção, obviamente, dos casos em que os pontos de exclamação são empregados no interior da própria frase e vêm seguidos de vírgula. Para tanto, tome-se como exemplo a seguinte passagem extraída do romance *Bom-Crioulo*: “entretanto, quem *diria!*, o fato passava-se agora consigo próprio [...]” (capítulo IV, p. 1252).

usual”, isto é, aquele que antecede esforços mais amplos de regramento e sistematização da grafia das palavras do idioma. Embora se faça tal registro, não convém, aqui, assinalar as variantes ortográficas identificadas no texto de cada romancista, pois a Multiclássicos, assim como já mencionado, promove edições modernizadas dotadas de rigor editorial, não edição críticas. E, partindo dessa premissa, atualizou-se a ortografia das seis obras que integram o presente volume em conformidade com o *Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990*, cujas regras se tornaram obrigatórias no Brasil desde janeiro de 2016.

Para além dessa orientação basilar, faz-se necessário destacar outras decisões específicas relativas a tal compartimento da língua. O primeiro ponto diz respeito ao uso do apóstrofo, que foi preservado nas palavras e expressões ainda hoje escritas com ele. Desse modo, a título de exemplo, manteve-se “balde d’água”, mas alterou-se “n’uma”, ambas as ocorrências encontradas em *O Cortiço*. Manteve-se ainda esse sinal diacrítico nos casos em que seu emprego indica supressão dotada de caráter expressivo de letras/sons, sobretudo enquanto marcas de oralidade de algum personagem. No referido romance, no qual se faz presente uma gama variada de portugueses, mulatos, escravos, ex-escravos, entre outros, tal recurso aparece constantemente em construções como “S’tá bem”, “N’ê nada” “q’aprender”, “S’ora” e “conta-m’lá” etc. Aliás, como pressuposto, a presente edição conservou a caracterização de registros de fala específicos de certas figuras, de acordo com a proposta de cada autor de trabalhar a oralidade enquanto parte integrante de sua linguagem literária.

No caso dos sincretismos, optou-se pela atualização, em conformidade com os usos correntes. Dessa maneira, em vez de *dous, cousa e noute*, temos, por exemplo, em *O Ateneu*, *dois, coisa e noite*. Procurou-se também atualizar e simplificar os nomes próprios das personagens. Assim, o prenome da protagonista de *O Homem* encontra-se grafado como *Madalena* ou *Madá*, mediante a eliminação da consoante muda que fazia parte dos usos ortográficos ditos pseudoetimológicos (*Magdalena* ou *Magdá*).

Ainda quanto à normalização ortográfica, palavras e expressões oriundas de outros idiomas foram convertidas para formas portuguesas desde que já se tenham aclimatado ao léxico lusófono dicionarizado. Termos

e construções que ainda não passaram por esse processo permaneceram no idioma de origem, devidamente assinalados em itálico.

Em *A Carne*, observa-se que o autor não realiza a contração da preposição “em” com o artigo integrante do pronome relativo “o qual” (e suas flexões). Desse modo, fazem-se presentes construções tais quais: “*em o qual* o amarelo do monte de milho punha uma nota muito clara” (capítulo XIII, p. 750) e “apenas tinha escrito uma carta ao coronel, sobre negócios, *em a qual* lhe dava esperanças” (capítulo XI, p. 711). Tendo em vista a proposta de modernização levada a cabo pela presente edição, os usos em questão foram alterados respectivamente para “no qual” e “na qual”.

Morfossintaxe

Em regra, procurou-se corrigir casos de desvio em relação à norma culta tão somente quando a variante utilizada, quer pelo narrador, quer pela personagem, assim o exigisse e a intervenção favorecesse a leiturabilidade para o público visado pela coleção. Assim, mesmo se tratando de edição modernizada, realizaram-se apenas intervenções pontuais relativas à concordância verbal, à concordância nominal, à crase, à colocação pronominal e ao gênero de alguns vocábulos²⁰. Quanto aos dois primeiros fenômenos, tomem-se dois trechos de *O Cortiço*:

Como que *se sentia* ainda na indolência da neblina as derradeiras notas da última guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loira e tenra da aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia (capítulo III, p. 917).

Respirava o tom úmido das flores noturnas, uma brancura fria de magnólia; cabelos *castanho-claro*, mãos quase transparentes [...] (capítulo II, p. 908).

20. Os casos relativos aos usos da vírgula em conformidade com os critérios sintáticos hoje vigentes já foram abordados anteriormente no subtópico “Pontuação”.

Em ambos os casos, os itens assinalados receberam a flexão de número: no primeiro, tendo em vista a concordância do verbo com o sujeito paciente “as derradeiras notas”; e, no segundo, considerando-se que o núcleo do sintagma nominal, “cabelos”, encontra-se no plural. À luz da estilística, poderíamos justificar tanto um quanto outro desvio e, assim, manter a lição mais conservadora, observada desde a edição *princeps*²¹. Todavia, julgou-se que tais ajustes pontuais, sem macular essencialmente a literariedade e, por sua vez, a última vontade autoral, revelavam-se mais ajustados aos propósitos desta edição a um só tempo modernizada, fidedigna e voltada a um público amplo.

Pautando-se por esses mesmos critérios, com relação à regência, interveio-se tão somente em ocorrências análogas a esta de *Bom-Crioulo*: “em atitude respeitosa de quem *vai assistir um* ato solene” (capítulo I, p. 1212), quando a regência, no caso do verbo “assistir”, tem implicações de ordem semântica. Daí o emprego da preposição “a”, por mais óbvio que, no excerto supracitado, o significado da forma verbal em questão seja “ver, ouvir, presenciar” o ato solene referido. Quanto à crase, embora nenhum autor do período aparente assinalar com uniformidade e coerência tal fenômeno, procedeu-se, quando necessário, a ajustes, sobretudo no caso da marcação de certas locuções, de modo a se evitarem eventuais ambiguidades e, assim, favorecer a inteligibilidade de cada texto. Nesse sentido, tomem-se, como exemplos, os usos das expressões “à espera de” e “à janela”, respectivamente, em *O Cortiço* e em *Bom-Crioulo*: “[...] depois ia ler os jornais para a sala de jantar, *a espera do almoço* [...]” (capítulo II, p. 911) e “Senhoras vinham *a janela*, compondo os cabelos, numa ânsia de novidade” (capítulo XII, p. 1342), cujos “as” iniciais receberam acento grave.

No que concerne à colocação pronominal, buscou-se seguir a lição conservadora. Todavia, quando se detectaram desvios pontuais em relação aos usos majoritariamente consagrados por determinado autor,

21. No primeiro caso, por exemplo, poderia tomar-se o “se” não como uma usual partícula apassivadora, mas como índice de indeterminação do sujeito, o que justificaria a opção pelo singular (ver Evanildo Bechara, *Lições de Português pela Análise Sintática*, Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1970, p. 109).

realizaram-se ajustes pautados pela discrição. No caso de *A Carne*, por exemplo, prevalece, em termos absolutos, a próclise no âmbito de orações subordinadas desenvolvidas acompanhadas de conjunção. Assim, em ocorrências consideradas linhas de fuga, como “*que deu-lhe* o nome” (capítulo XI, p. 717), “*que dir-se-ia* um desdobramento” (capítulo XI, p. 719) e “*quando ouviu-se* um voo forte” (capítulo XII, p. 734), os pronomes oblíquos (“lhe” e “se”) foram deslocados para antes de seus respectivos verbos. Especificamente no caso desse romance de Júlio Ribeiro, convém assinalar que tais intervenções estão em concordância com o que o próprio escritor consigna na segunda edição, “refundida e muito aumentada”, de sua *Gramática Portuguesa* (São Paulo, Teixeira & Irmão, Editores) datada de 1885, material utilizado na presente edição como fonte de consulta.

Em termos morfológicos, tomando-se como base o padrão atual consignado em dicionários e gramáticas, realizou-se a mudança do gênero de algumas palavras: tanto daquelas que antes eram femininas e hoje, masculinas, como *reclame* e *envelope*, quanto das que foram alvo de processo inverso, entre as quais se encontram *pélvis* e *surucucu*.

PARATEXTOS DESTA EDIÇÃO

Diferentemente do que se observa nos *Épicos*, este segundo número da coleção Multiclássicos não apresenta um glossário. Em vez dessa pós-textual, cuja consulta se mostra um tanto quanto incômoda, tendo em vista sobretudo a extensão e o caráter plural do volume, optou-se pela produção de notas de rodapé propriamente ditas, voltadas ao esclarecimento de eventuais dúvidas de natureza vocabular, linguística, literária, histórica, geográfica e mitológica. Procurou-se empregar tais paratextos não como cortinas de fumaça para teleguiar a leitura ou relegar os romances a um segundo plano, mas sim, pelo contrário, como ferramentas propiciadoras de conforto e segurança na incursão pelo mundo de cada narrativa naturalista aqui recolhida. Não por acaso, as remissivas e comissivas relativas às notas aparecem na mesma página (e não em seções ao fim de cada obra ou ao final do volume), de modo a tornar mais dinâmico o acesso a esses

itens que, supõe-se, possam ser alvo da consulta dos leitores vislumbrados pela presente edição, a saber, todos aqueles que se interessam por edições sistemáticas e de alto padrão de livros integrantes do acervo da tradição, com destaque para o público universitário.

Ao todo foram produzidas cerca de duas mil notas: 530 para *O Ateneu*; 210 para *O Homem*; 330 para *O Cortiço*; 432 para *A Carne*; 143 para *Bom-Crioulo*; e 302 para *O Missionário*. Quando se examina a totalidade desse material de apoio, pode-se constatar a repetição pontual de alguns termos anotados, presentes em mais de um romance. Todavia, considerou-se tal ruído como o preço a se pagar pelo incremento da leiturabilidade dos textos e paratextos que o leitor tem em mãos.

Se não mais se observa o emprego do glossário, outros dois paratextos característicos da coleção se mantiveram neste segundo volume: 1) um ensaio inédito de abertura geral do livro, responsável por definir, situar e matizar o movimento literário que engloba os seis romances já referidos; e 2) estudos particulares, elaborados por especialistas, que antecedem cada obra, com ênfase em aspectos literários e históricos, isto é, na dimensão retórico-estilística dos textos e nas dinâmicas cultural, social e política nas quais eles se inserem. Tendo em vista a diversidade dos vínculos institucionais dos responsáveis pela produção desses materiais – Academia Brasileira de Letras (ABL), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade Estadual Paulista (Unesp), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Federal Fluminense (UFF) –, *Naturalistas* mantém seu propósito de integrar profissionais dos mais variados e prestigiados centros nacionais de pesquisa.

Ainda entre os paratextos mantidos neste segundo volume da coleção, encontra-se a relação histórica das edições dos seis romances, desde a *princeps* até as mais recentes, tomando-se como diretriz, para tanto, critério qualitativo que procurou contemplar os trabalhos mais representativos ao longo do *continuum* de publicação de cada livro. Nesse processo, em termos de bibliografia descritiva, buscou-se transcrever *ipsis litteris* as informações contidas nos frontispícios das obras, bem como trazer dados a respeito de prefácios, posfácios e outras particularidades que as edições em questão apresentassem.

* * *

Conforme destacava Sainte-Beuve a respeito dos clássicos, com o passar dos anos, chegaria uma época em que “os mais vivos deleites provêm do estudo e do aprofundamento das coisas que já conhecemos”²². Ao contrário de tal fixidez e gosto por uma “escolha de predileção irresistível”, Roland Barthes, em contato com um livro clássico da literatura alemã, *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, ressaltava a urgência de desaprender saberes adquiridos para, assim, usufruir de novas descobertas. Desse modo, se haveria uma idade em que se ensina o que se sabe, ela seria seguida por outra “em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar”²³. Orientada por essas duas perspectivas em princípio opostas, a presente coleção espera continuar a atingir tanto aqueles que desejam saborear puras “delícias da maturidade”²⁴, bem como os que estão resignificando sua jornada ou mesmo começando a se aventurar no vasto mundo dos livros e edições. Tanto para uns quanto para outros se impõe a leitura dos clássicos, livros que, segundo Borges, não possuiriam necessariamente estes ou aqueles méritos, mas seriam lidos por sucessivas gerações com “antecipado fervor e com uma misteriosa lealdade”²⁵.

AGRADECIMENTOS

Antes de encerrar efetivamente, há um leque amplo de agradecimentos a serem feitos, quando se considera a realização da tarefa hercúlea de estabelecer e anotar os seis romances que compõem este volume da Multi-clássicos. Logo de saída, sou grato a Plínio Martins Filho, mestre e amigo,

22. Sainte-Beuve, “O que é um Clássico”, apres. e trad. de Osvaldo Manuel Silvestre, *Revista de Estudos Literários*, Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa, 2013, vol. 3, p. 357.

23. Roland Barthes, *Aula*, 12. ed., trad. Leyla Perrone-Moisés, São Paulo, Cultrix, 2004, p. 47.

24. Sainte-Beuve, *op. cit.*

25. Jorge Luis Borges, “Sobre os Clássicos”, em *Outras Inquisições*, São Paulo, Companhia das Letras, 2007, p. 222.

que confiou em mim para levar adiante o projeto da coleção concebida por ele e pelo saudoso Ivan Teixeira, depois da inesperada partida deste último. Além disso, agradeço a José de Paula Ramos Júnior, professor da disciplina Introdução à Ecdótica do curso de Editoração da ECA-USP, as discussões e orientações relativas à crítica textual extremamente valiosas para o trabalho realizado em torno dos romances coligidos na presente edição; ao professor Paulo Fernando da Motta Oliveira (FFLCH-USP), que, direto de Paris, em atendimento a nosso pedido, localizou e reproduziu a terceira e a quarta edições de *O Cortiço* e a quarta edição de *O Homem*, as quais fazem parte do acervo da Biblioteca Nacional Francesa; ao filólogo Marcelo Módolo (FFLCH-USP), que mobilizou pesquisadores deste e do outro lado do Atlântico na busca pelo sentido de um termo obscuro (inicialmente imaginávamos se tratar de uma gralha) empregado por Aluísio Azevedo no livro *O Homem*; a Jacob Lebensztayn pela ajuda com a tradução dos trechos em latim de *O Missionário*; aos funcionários da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin e da Biblioteca do IEB, locais onde se encontra grande parcela das edições utilizadas e referidas nesta obra; à Ateliê Editorial, que, gentilmente, cedeu as notas produzidas para três romances de sua prestigiosa coleção Clássicos Ateliê (*O Cortiço*, *A Carne* e *Bom-Crioulo*), as quais, depois de retrabalhadas e ajustadas às diretrizes da Multiclássicos, foram aqui inseridas; à Luiza Helena Damiani Aguilár, mestranda do programa de Estudos Comparados de Literaturas da Língua Portuguesa (FFLCH-USP), que me ajudou com a produção das notas a *O Ateneu*; à Marilena Vizentin e à Cristiane Silvestrin, editoras da Edusp, que tiveram paciência para aguardar o envio dos originais e das provas revisadas e zelo para proceder à editoração de tão vasto material; e especialmente, por fim, à Ieda Lebensztayn, grande revisora e especialista em literatura brasileira, responsável pelo cotejo inicial do texto de cada romance com a edição-base, bem como pela revisão cuidadosa de todos os paratextos e dos ensaios que apresentam cada livro.

LANÇAMENTO 2022

JÁ DISPONÍVEL

LIVRARIA VIRTUAL

www.edusp.com.br/loja

LIVRARIAS

www.edusp.com.br/livrarias

INFORMAÇÕES

Divulgação Edusp

divulga@usp.br

